

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 73	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	38800	18900	5950	8120	1 DE JANEIRO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	26000	-5-	-8-		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	58000	28500	-8-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	-8-	-8-		

BELLAS-ARTES



MARECHAL DUQUE DE SALDANHA — Busto em marmore, esculptura por Alberto Nunes, executado para a Camara dos Paes
(Segundo uma photographia de H. Nunes)



SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Antipodas, THOMAZ RIBEIRO — Duque de Saldanha, PINHEIRO CHAGAS — D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos, Arcebispo de Goa, J. B. — Salão Nobre no Edifício da Associação Commercial do Porto, MANUEL M. RODRIGUES — A Fortaleza de S. Sebastião em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — Um desenho inédito de Barbosa Lima, Monumento de Thomar, XAVIER DA CUNHA — Ernesto Biester, G. L. — Dr. Joaquim Gonçalves Mamede J. B. — Congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — Notas soltas, Fr. Francisco de Jesus Christo, JACINTHO PERES.

GRAVURAS. — Marechal Duque de Saldanha, busto em marmore por Alberto Nunes, executado para a Camara dos Pares — D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos, Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente — A Fortaleza de S. Sebastião em Moçambique — Salão Nobre da Associação Commercial do Porto no Palacio da Bolsa — Ernesto Biester — Dr. Joaquim Gonçalves Mamede — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Faz parte das velhas tradições sagradas de todas as chronicas de principio de anno, a primeira linha que se escreve ser consagrada a dar as boas festas aos leitores.

É uma usança tão antiga como a de pedir a consoada, com a differença de ser mais comoda e muito menos dispendiosa.

Não queremos romper abertamente com a tradição, que respeitamos muito e que dá grandes lucros a todos as minervas que por ali ha, mas em vez de mandarmos ao leitor um bilhete de visita, vamos dar-lhes uma noticia agradável.

O OCCIDENTE sente-se feliz em poder anunciar hoje aos seus leitores, que tem a honra de contar na lista dos seus illustres colaboradores El-Rei D. Fernando.

O estimado monarcha, para quem o cognome de Rei Artista não é um epitheto vão soprado pela lisonja cortezã, e que não faz do seu nobre titulo de Protector das Artes, uma sinecura real, entende, que a melhor maneira de proteger as artes é cultivar-as, e cultivar-as com amor e com talento. É por isso que o nome do Rei não apparece só debaixo dos decretos officiaes e das cartas de lei, e que muitas obras d'arte notaveis são firmadas com esse nome a que ellas ajuntam um novo e estranho prestigio.

N'um dos proximos numeros o OCCIDENTE tem pois a rarissima honra de publicar um delicioso desenho feito por El-Rei D. Fernando e com que S. Magestade presenteou amavelmente o nosso jornal.

É uma boa nova, que com certeza equivale a umas boas festas.

— Lisboa caçada dos divertimentos do meio do anno, do centenário de Camões, dos banquetes dos Congressos, dos festejos da chegada do Alviella não teve forças para solemnizar com grandes manifestações o nascimento do menino Jesus e a morte de 1880. O inverno tem passado perfeitamente à capucha, nem uma soirée, nem um baile, e mesmo o luxo dos camarotes de S. Carlos tem sido pouco usado ultimamente.

As festas do Natal, essas festas em que a pretexto das creanças, se divertiam homens e mulheres, com a apparição da phantastica arvore das *etrennes*, que servia para muitas gargalhadas dos pequenos e para muitas walsas e muitos cotillons dos grandes, ficaram este anno simplesmente na tradição como as *etrennes* ficaram no Seixas e no Behard; o anno de 1880, coitado, esse anno que tão divertido foi não teve sequer uma quadrilha á beira da cova, e o anno que começa é embalado com a mesma pacata semsaboria, apenas cortada de oito a oito dias, pelos guinchos imbecis dos raros dominós sujos que vão escabecear de somno e de aguardente barata, para os raros bailes de mascaras.

— O entusiasmo, o sagrado fogo do en-

thusiasmo da capital concentrou-se toda na sr.^a Borghi-Mamo, e concentrou-se muito bem. A sr.^a Borghi-Mamo é uma cantora distinctissima, dotada d'um talento excepcional, d'um temperamento artistico *hors ligne*. Perfeitamente! Que se applauda muito a sr.^a Borghi-Mamo, que se lhe façam ovações entusiasticas, extraordinarias como extraordinario é o seu talento, é muito justo, muito logico, nunca fará mais do que ella merece. Mas d'ahi a transformar permanentemente, fóra do palco a sr.^a Borghi-Mamo, n'um espectáculo, ha um abysmo, que a pasmeira indigena se encarregou de encher.

Pois é exactamente o que se tem feito. Muitas noites a gentil artista canta em S. Carlos, a platéa cheia de calvas de palhinha que denunciam muito mau gosto no publico de Lisboa que enche a transbordar o Circo de Price, interessadissimo na discussão extravagante e original: — se Oberson é uma mulher ou um homem; mas tão depressa a sr.^a Borghi-Mamo vae a um theatro qualquer para um camarote, o theatro enche-se e os logares são disputados á porta á bolsa aberta.

O empresario do Gymnasio teve uma d'estas noites a delicada, e ao mesmo tempo feliz idéa de convidar a sr.^a Borghi-Mamo para assistir ao espectáculo do seu theatro, por saber que a distincta cantora tinha vontade de ver representar o nosso grande Taborda. O publico soube d'isso e se o theatro fosse do dobro do tamanho ter-se-ia enchido completamente. Entretanto o espectáculo era o mesmo que se tem dado muitas noites sem grande alvoroço do publico, o que prova que se é muito bom para uma empresa ter a sr.^a Borghi-Mamo como artista, não é menos tel-a por espectadora.

Extraordinario, tudo isto, muito extraordinario!

— A Associação dos Jornalistas inaugurou as suas conferencias. O primeiro prelector foi o sr. Adolpho Coelho um erudito e intelligente professor do curso superior de letras que começou ali uma serie de quatro conferencias sobre as epopéas homericas.

O sr. Adolpho Coelho, irmão do nosso illustre e estimado collega do *Diario de Noticias* Eduardo Coelho, é perfeitamente um professor moderno. A sua exposição é clara, d'uma precisão mathematica, sem procurar os effeitos da eloquencia, nem as *ficelles* da rhetorica. Não é orador elegante, é um mestre erudito: não faz conferencias para brilhar, fal-as para ensinar. N'uma hora de prelecção amontua os resultados de mezes de estudo, e quando se sae das suas conferencias o coração não vem cheio de entusiasmo, mas o cerebro vem inundado por uma multidão de conhecimentos novos.

O seu estudo sobre as epopéas gregas é um estudo serio, profundo, feito pelos mais recentes processos da critica moderna e que inaugurou com muita honra para as lettras nacionaes as conferencias da Associação dos escriptores portuguezes.

— O que n'estes ultimos dias do anno, vazios de acontecimentos, tem entretido as palestras do gremio e os cavacos da Havaneza tem sido a proxima abertara das camaras. A opposição espalha todas as noites o boato da queda do ministerio, boato que é desmentido todas as manhãs, para tornar a ser refeito á noite! E n'isto se diverte a população conversadora da cidade, pouco imaginosa e inventiva, e que foi buscar á velha mythologia a lenda dos Danaydes, para a parodiar nos seus boatos politicos.

A politica portugueza é no fim de tudo a coisa mais engraçada que ha na nossa boa terra. É um espectáculo divertidissimo que faz lembrar esse jogo dos rapazes, os quatro cantinhos, em que o parceiro que está de fóra, só trata de desalojar o que está no canto para se pôr no lugar d'elle.

Os artigos de fundo de todos os jornaes d'opposiçào — de todos os tempos — traduzem-se n'estas simples palavras ao sr. Fulano não presta para ministro porque não tem talento, não tem capacidade, não tem illustração: para minis-

tro, o bom, o melhor que ha, sou eu que tenho todas estas qualidades no mais alto grau. O dito de Talleyrand a respeito de Mirabeau podia applicar-se perfeitamente á nossa politica.

N'uma das primeiras sessões da Assembléa Constituinte, tratando-se de eleger um presidente, Mirabeau toma a palavra para indicar aos seus collegas as condições de caracter e de talento, indispensaveis áquelle que fosse chamado á honra de presidir a Assembléa.

As palavras de Mirabeau foram tão claras, as qualidades que elle especificava, eram de tal modo as suas qualidades caracteristicas, que Talleyrand, com a sua finura habitual, não ponde deixar de dizer:

— Não falta senão um signal no que acaba de dizer o sr. Mirabeau, é que o presidente deve ser picado das hexigas.

Como se sabe Mirabeau era extremamente hexigoso.

Ora em Portugal os Mirabeaus não deixam os Talleyrands fazer o dito — enumeram tambem as hexigas.

GERVASIO LOBATO.

ANTIPODAS

Sob as copadas arvoreds olympicas
Dos Elysios jardins, o sol radiante
Viam surgir d'um leito de ouro e purpura
Camões, Virgílio, Homero, Tasso e Dante.

Embebidos no celico espectáculo
Não viam que os buscava entre as ramadas
Um forasteiro andaz, de rosto ironico:
— Bom dia, ó vós das frentes laureadas,

Lhes disse; — vates sois de tubas épicas!
Eu sei os vossos nomes. Com que espanto
Vos li... tinha ainda fé! os nobres canticos!...
— Tu és... — O mutilado de Lepanto.

— Cervantes! — Sim, Camões, o vosso antipoda.
Quando soube que Homero foi mendigo
Proscripto o Dante e o Tasso em negro carcere
La morrendo louco;... e tu, amigo!

Tu, cuja patria eu via, ingrata e miserat!
Ten brio aos pés calcar, párea indefeso,
Vinguei-vos com o meu riso acerbo e sceptico
E cuspi n'esse mundo o meu despreso.

Matei-vos em Quixote, almas phantasticas!
E, para completar minha vingança,
A humanidade retratei n'um symbolo
Truão, covarde, egoista: em Sancho Pança.

Só Virgílio, feliz entre os miserimos,
Não soube o que era fome! — A' sua gloria
Faltou a sagração dos grandes martyres;
Roubou-lhe a sorte esse florão á historia.

Perdoemos, Cervantes, aos anonymos
Que nos quizeram mal; são semelhantes
A terra e a humanidade; gastam seculos
De gestação a gloria... e os diamantes.

8 de junho de 1880.

THOMAZ RIBEIRO.

DUQUE DE SALDANHA

Lembram-se d'elle ainda? Uma bella physionomia de gentil-homem! Grande nome, grande talento, grande figura! Um marechal do Imperio com toda a sciencia estrategica da escola de Napoleão, e um marechal de França com todas as elegancias da cõrte de Luiz XV. Fóra um formoso rapaz, e era, quando acabou, um bonito velho. Aos trinta annos, um modelo de Van-Dyck; aos setenta, um achado para Rembrandt. Um perfil numismatico! uma cabeça para uma medalha romana, se os gravadores romanos conhecessem as suissas diplomaticas dos tempos modernos.

A liberdade, entre nós, teve a felicidade de possuir todos os prestigios. Não foi o ideal abrutado de Augusto Barbier:

Une forte femme aux puissantes mamelles
A la voix rauque, aux durs appas.

Encarnou-se pelo contrario no vulto sympathico e suave de uma joven rainha de quinze annos, errante e perseguida como uma rainha destronada dos bons tempos da cavallaria.

Foi seu primeiro servidor um principe cavalleiresco, e rodeou-se de um cortejo de paladinos de raça nobilissima e de bravura antiga.

A liberdade teve também os seus doze pares de França, como a antiga realza feudal, o seu rei Arthur e a sua Tavola Redonda: Terceira, ou Villa-Flor, o gentil-homem liberal cavalleiro e intrepido, um verdadeiro *preux de Charlemagne*; Loulé, o formoso amante das princesas; Palmella, o diplomata á Metternich, elegante e fino, um pouco poeta e um pouco erudito, fazendo andar á roda a cabeça de M.^{me} de Stael, e pondo a cabeça em agua a lord Sidmouth ou a lord Londonderry; Sá da Bandeira, o novo Bayard, amando as balas com tanta predilecção como as balas o amavam a elle; e muitos outros, e acima de todos Saldanha, o anjo da victoria como Massena, e mais do que Massena, porque para elle Torres Vedras não foi um desastre; Saldanha, o moço general, que tinha a um tempo as sympathias do rei e as do povo, as do exercito e as da diplomacia, que Paris applaudia quando elle fallava no tumulo do general Lamarque, e que o Porto exaltava quando fallavam por elle as bocas dos canhões a lingua inflammada da victoria; nas alturas do Pilar e nas baterias do Covello.

Quando me encarregaram de escrever um artigo para acompanhar a gravura que representa o magnifico busto do duque de Saldanha feito pelo sr. Alberto Nunes para a Camara dos Pares, hesitei se devia traçar a biographia do marechal pausadamente n'uma successão de artigos, ou se devia simplesmente procurar esboçar n'um rapido esquisso essa nobre e grandiosa physionomia. Optei pela segunda solução; ainda é cedo para o estudo definitivo d'essa existencia tão agitada. Ainda os parentes do duque estão colleccionando os documentos que hão de elucidar o biographo consciencioso. Demais pôde dizer-se também que foi ainda hontem que para o duque de Saldanha fenecera a vida e começou a immortalidade. O jornalismo critico, mordaz, frivolo, terminou a sua missão, e a historia, grave e austera, abriu o seu livro de marmore, para lhe inscrever nas folhas com o seu buril de aço, frio, implacavel, mas luminoso e justo, o nome do heróe, cujo retrato hoje se apresenta aos leitores do OCCIDENTE. A historia ha de considerar as imperfeições e as maculas, mas acima de tudo ha de mostrar que tinha o duque de Saldanha a grandeza dos vultos da epopéa, e que pertencia a essa raça de heróes, que a Providencia quer que appareçam sempre, como as manifestações supremas da sua vontade e da sua acção, nos grandes momentos da civilisação, e a que por isso os povos, na sua aurora, quando tinham, mais do que nós, na meia luz do seu espirito, a intuição das coisas divinas, chamavam semi-deuses.

De todos os generaes portugueses d'este seculo era sem duvida o duque de Saldanha o mais notavel, e podia considerar-se como um dos bons generaes europeus. Diz-se que a Inglaterra lhe offereceu um commando importante no tempo da guerra da Criméa. No cerco do Porto foi elle quem viu n'um relance o segredo de defeza, que nem Solignac nem os outros tinham descoberto. A campanha de Torres-Vedras foi admiravelmente conduzida.

Os officiaes, que tinham servido debaixo das suas ordens, e que depois se encontraram frente a frente com elle nas nossas luctas civis, reconheciam-n'o e temiam-n'o. O conde das Antas, em sabendo que o tinha na sua frente, ficava completamente paralyzado. A essa influencia, que Saldanha exercia no seu animo se attribue a extranha immobildade do general progressista durante a batalha de Torres-Vedras. Mas Saldanha não era só general, era soldado também. A sua bravura chegava a ser temeraria. N'um dos ataques dos mignelistas ás linhas do Porto, em que elles chegaram a penetrar na cidade, Saldanha carregou-os á frente do seu estado maior, de espada em punho. Depois de os repellir, conservou-se tranquillamente no meio de um chuva de balas, e foi até quando elle fazia essa observação que seu sobrinho, o valente official D. Fernando Xavier de Almeida, cahiu, atravessado por uma bala, quasi nos seus braços.

Saldanha foi sempre extremamente popular. No exercito os soldados adoravam-n'o, não só porque era com elles paternal e familiar como Bugeaud, mas porque a victoria parecia constantemente sorrir-lhe, e os soldados adoram os generaes que lhe inspiram confiança militar. Por muito tempo exerceu no exercito uma influencia indisputada, e o prestigio do *nosso velho* como os soldados lhe chamavam, era imenso e inabalavel. Tinha a physionomia caracteristica, sympathica, uma boa apparencia que impressionava agradavelmente o povo. No enterro do general Lamarque foi um dos oradores mais bem acolhidos pelo povo parisiense, e Victor Hugo refere se a isso nos *Miserables*. Em 1851 o entusiasmo que inspirou ao povo de Lisboa tocou as raizas do delirio. No theatro eram ovações sem fim. Como a campanha revolucionaria fôra incruenta, os poetas entenderam que as ambulancias para alguma coisa haviam de servir, e n'um diluvio de versos entusiasticos, estropiaram a metrificacão e a grammatica.

Homem profundamente instruido, escriptor de merecimento, nunca applicou bem os seus dotes litterarios. Podendo escrever admiraveis *Memorias*, preferiu occupar-se de homeopathia e de religião. Consagrou innumerados folhetos á defeza da theoria de Hahnemann, e teve a esse respeito uma polemica accessa com Bernardino Gomes, e em religião tratou de demonstrar a concordancia do *Genesis* com a sciencia. Era uma deploravel aberração das suas altas facultades. A Historia reclamava-o, e elle punha de parte a penna de Cezar e de Frederico, para empunhar a penna do frivolo folliculario.

Desappareceram agora quasi todos os heróes da grande época, e diante do seu tumulo a geração nova inclina-se commovida e respeitosa. Saldanha foi talvez o ultimo dos grandes vultos d'essa epopéa, que illuminou a nossa decadencia como a epopéa da India nos illuminou os seculos doirados. Epopéa tão grandiosa, porém mais santa do que ella.

Na epopéa da India a cruz civilisadora estava nas mãos do missionario, e nas mãos do guerreiro a espada conquistadora. Nas naus, que sulcavam o Oceano, iam, trindade estranha, o missionario que era a civilisação, o guerreiro que era a gloria, o inquisidor que era o crime. A luz da espada acendeu muitas vezes as chammas das fogueiras. A espada dos modernos paladinos derrubava os cadafalsos. Na luz do seu aço resplandecia a Justiça. A cruz do gladio era ao mesmo tempo a cruz redemptora, e os combatentes, guerreiros e apostolos, enlaçavam em fraternal abraço, nos campos illustrados pelo triumpho, a gloria e a liberdade.

PINHEIRO CHAGAS.

D. AYRES DE ORNELLAS E VASCONCELLOS

ARCEBISPO DE GOA

A 28 de novembro ultimo perdia Portugal um dos personagens mais distinctos do seu clero, o arcebispo de Goa.

Filho de uma familia illustre da ilha da Madeira, onde nasceu a 18 de setembro de 1837, desde os mais tenros annos dera D. Ayres de Ornellas e Vasconcellos os mais notaveis indícios de quão propenso era o seu animo ao estudo, á brandura e ao bem.

Depois de feitos os seus preparatorios, matriculara-se na faculdade de theologia na Universidade de Coimbra em 1854, seguindo ali um curso distincto, em que obteve premios todos os annos, recebendo afinal o grau de doutor em julho de 1860.

Já anteriormente lhe havia sido conferida a ordem de subdiacono, e recebendo depois as de diacono e presbytero, foi provido em 1861 n'um dos canonicatos vagos da sé do Funchal, com obrigação de professar uma cadeira no respectivo seminario.

Em 1867 foi promovido a chantre e no anno seguinte a deão da mesma sé.

Por occasião da reunião do concilio em 1869, dirigiu-se a Roma, onde recebeu muitas provas de consideração devidas ao seu caracter probo e intelligencia cultivada.

No anno seguinte (1870) foi apresentado coadjutor e futuro successor do bispo do Funchal, e pouco depois foi sagrado bispo de Geraca *in partibus*.

Em 1872 succedeu no bispado do Funchal, de que tomou posse solemne no mez de outubro.

Era pois, D. Ayres de Ornellas, bispo *in partibus* aos 33 annos, e achou-se collocado na presidencia de uma diocese aos trinta e cinco. O saber e a virtude do illustre prelado recebiam assim uma justa recompensa e reconhecimento.

Como porém o caminho da virtude sempre tem seus espinhos, durante o tempo da sua prelatura no Funchal alguns desgostos lhe torturaram o espirito, por isso que se levantaram opposições e más apreciações aos actos do illustre prelado, talvez devido a manejos politicos, para que enfim não deixe de ter sempre consagração a sabida sentença *nemo propheta in patria sua*. Depois d'isso, e por occasião da sua morte, deu-lhe a sua patria notabilissimas provas de affecto e sentimento.

Vagára no entanto a igreja da capital das Indias portuguezas e Primaz do Oriente, e o governo lembrou-se de D. Ayres para aquella elevada e difficil posição.

Reunia D. Ayres ao saber, um desprendimento dos bens terrenos, um genio largamente esmolero, e uma affabilidade no tracto, que faziam prever n'elle um prelado conciliador, de que mais precisavam aquellas christandades, onde tantos interesses religiosos, ainda mal, se combatem e prejudicam.

Recebido o pallio em 1874, partiu de Lisboa, em setembro de 1875, o novo arcebispo de Goa atravessando de novo a Europa, indo a Roma, chegando á sua diocese, de que tomou posse em janeiro do anno seguinte.

Com quanto o arcebispo de Goa não seja já uma sombra do que foi em tempos antigos, o seu importante territorio chega pelo norte ao Indo que o separa da Persia, pelo sul a Mangaior, por onde conflua com Cranganor, pelo nascente ao Himalaia e China, e pelo poente ao Oceano indico, encerrando uma população de cerca de cento e cincoenta milhes de almas.

O arcebispo desembarcou em 1875 em Bombaim e as descripções que então se fizeram d'esse desembarque apresentam-no como que em triumpho; esse triumpho era a consequencia de uma bem nascida esperanza, esperanza que apenas realisada, infelizmente se desfez como um sopro.

Estudou o arcebispo a sua diocese, visitou o que poude d'ella, distribuindo os rendimentos da mitra, ainda assim consideraveis, por todos aquelles presbyterios pobres e humildes. Reorganizou e melhorou estudos, ordenou centenas de presbyteros, amaciou e leniu as differenças e rivalidades de diversas jurisdicções ecclesiasticas, que de longa data andavam mal avindas. Finalmente tanta foi a prudencia, tino, mansidão e cordura manifestadas pelo illustre pastor, tanto foi o respeito tributado ás suas virtudes e afabilidade, que aquelle prelado que ainda não contava quarenta annos de idade, tinha em breve restituído a paz, tranquillidade e concordia á igreja indiana, o que outros com mais annos nunca haviam conseguido.

D'essas visitas porém sobrevieram-lhe padecimentos que o forçaram a deixar a sua diocese, onde tanto fructificára a sua virtude, para vir no clima da Europa procurar o necessario alivio. Depois de algumas viagens e tratamentos, quando parecia estar restabelecido, época em que foi tirado o retrato que apresentamos, um novo soffrimento o veio accommetter, que em poucos mezes o roubou aos amigos e á patria, a quem tão bons serviços acabava de prestar, e que tantos ainda tinham a esperar de um prelado na força da vida, e que da sua diocese não trouxera consigo senão o amor de seus diocesanos e uma consciencia satisfeita.

Como presidente do governo que o foi, por duas vezes, e em circumstancias anormaes deu provas de que o seu espirito era apto tanto para as funcções ecclesiasticas como civis.

Da India chegam noticias do sentimento d'aquelles povos pela perda de tal pastor, e a voz unanime é de que tarde voltará a ella um prelado como D. Ayres d'Ornellas.

J. B.

O SALÃO NOBRE

DO

EDIFICIO DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO

Apesar do muito que se tem escripto em diversas épocas e em artigos mais ou menos encumbrados, a respeito da riqueza e das maravilhas que encerra o salão nobre do edificio da Associação Commercial do Porto, essa parte do magestoso palacio não foi ainda até hoje, que eu saiba, nem olhada nem julgada sob o rigoroso ponto de vista artistico, tendo esta falta de esclarecimentos technicos levado muitos espiritos, alguns mesmo de certa cultura, a inducções exaggeradas sobre o merito real d'essa obra, que testimunha innegavelmente o arrojo e a oppulencia de uma corporação que representa uma das forças mais potentes da actividade portuense.

Encarregado de fazer a descripção da referida sala, vou desempenhar-me d'essa incumbencia com o desassombro de apreciação que me permite a independencia do meu criterio, sentindo apenas que o espaço que me é dado occupar com este artigo, me force a restringir os limites da analyse a um campo que desejaria, historica e artisticamente, desenvolver com maior amplitude.

Assim, pois, começarei por mencionar que as obras ornamentaes do salão, de que hoje é publicada uma exacta gravura n'esta folha, começaram em 15 de setembro de 1862, tendo-as delinheado e dirigido até poucos mezes antes da sua conclusão, o engenheiro encarregado das obras do edificio, o sr. Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa.

A sala mede 27^m, 88 de comprimento, por 13^m, 67 de largo e 11^m, 16 de alto.

Circunda-a uma serie de arcos sustentados por 16 columnas, as quaes servem egualmente de apoio a uma galeria que corre em volta do salão e ornada tambem de identico numero de columnas.

Aos lados da sala, por haixo da galeria estende-se um taburno todo a mosaico de madeiras da America, taes como páo setim, rosa, jacarandá, freixo e mogno. No centro o pavimento é enxadrezado a madeira de flandres de Riga, branco e vermelho.

O tecto de fórma convexa, tem cinco lunetas polygonaes, e por cima das janellas que circundam a sala, ha outras quinze lunetas redondas.

As paredes são inteiramente cobertas de arabescos de estuque dourado e colorido, repetindo-se por entre os ornatos, inscripções em caracteres arabes, que dizem, simultaneamente — *Gloria á nossa rainha Maria II. — Deus seja em seu auxilio.*

No tecto vêem-se tambem disticos arabes, cuja traducção é: — *Não ha soccorro a esperar senão de Deus, o Illustré Omnipotente.*

A ornamentação das columnas, arcos, janellas, etc., é de talha dourada e pintada a varias côres.

Eis, em breves palavras descripto o salão, cujas obras terminaram, sob a nova direcção do architecto o sr. Thomaz Soller, em 12 de junho de 1880, dia em que se lavrou um acto inaugural perante os directores d'aquella casa.

Gastaram-se portanto n'esses trabalhos dezoito annos, e sem entrar na apreciação das causas que contribuíram para tão demorada construcção, passarei á sua analyse artistica.

É deslumbrante o effeito que a sala produz pelos doirados que a recamam, mas entrando no exame detido da sua architectura, o espirito sensibilisa-se dolorosamente ao sentir que obra tão monumental não possui o vigor do estylo que se lhe quiz imprimir e de que dão prova os *detalhes*.

D'este modo, ao passo que vemos columnas e ornamentações de um puro estylo arabe, deparam-nos aquelles arcos, que além de não terem nenhuma fórma característica d'essa architectura, apresentam umas linhas tão caprichosas como de mau gosto.

Ora sendo o arco a feição que melhor assignala um estylo de architectura, e tendo-se querido dar ao salão a fórma arabe, é imper-



D. AYRES DE ORNELLAS E VASCONCELLOS
Arcebispo de Goa Primaz do Oriente, fallecido em 28 de novembro de 1880
(Segundo uma photographia de Camacho)

doavel que não se seguisse a pureza d'esse estylo na parte que mais o devia caracterisar.

O que dizemos do arco, repetimol-o do mesmo modo com referencia á ornamentação do tecto e á fórma das portas e janellas cujas linhas se podem perfeitamente distinguir na gravura.

Sem aprofundar as causas de tão flagrantes imperfeições, quer-me comtudo parecer que muitos d'esses erros, senão todos, foram devidos a não se ter elaborado previamente um plano bem meditado e estudado da obra que se pretendia executar.

E não se admirem os leitores d'esta falta tão grave, porque a propria planta do edificio só começou a traçar-se por ordem do architecto o sr. Thomaz Soller, logo depois de ser encarregado, ha mezes, da direcção das obras, não a tendo havido até ali apesar das transformações por que o referido edificio, antigo convento de S. Francisco, teve de passar e dos trabalhos que n'elle se levaram e estão ainda levando a effeito.

A par das incorrecções que tenho apontado, cumpre porém mencionar que, o que se refere simplesmente á ornamentação a qual foi copiada da Alhambra, é não só bella e rigorosa como bem executada, havendo n'este ponto a admirar delicados e primorosos ornatos de talha feitos sob a habil direcção do mestre das officinas dos entalhadores o sr. Zeferino José Pinto. Com relação aos ornatos em gesso que cobrem as paredes, estão tambem cuidadosamente trabalhados.

O actual director das obras do edificio, e distincto architecto o sr. Thomaz Soller, cujos merecimentos se estão assignalando de um modo notavel no encargo que lhe foi commettido, tenciona completar o salão, collocando aos lados do tecto duas ordens de lustres de metal, de estylo arabe, os quaes não podem ficar ao centro, porque o referido tecto foi construído de modo que não supporta um peso regular!

O plano primitivo era illuminar o salão por meio de serpentinhas, a gaz, postas ao centro das columnas da galeria, para o que já se havia feito a necessaria canalisação. O sr. Soller entendeu porém que o calor das luzes, assim collocadas prejudicaria o dourado dos ornatos e supprimiu-os, illu-



AFRICA PORTUGUEZA — A FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO EM MOÇAMBIQUE (Desenho do natural por Isalás Newton)

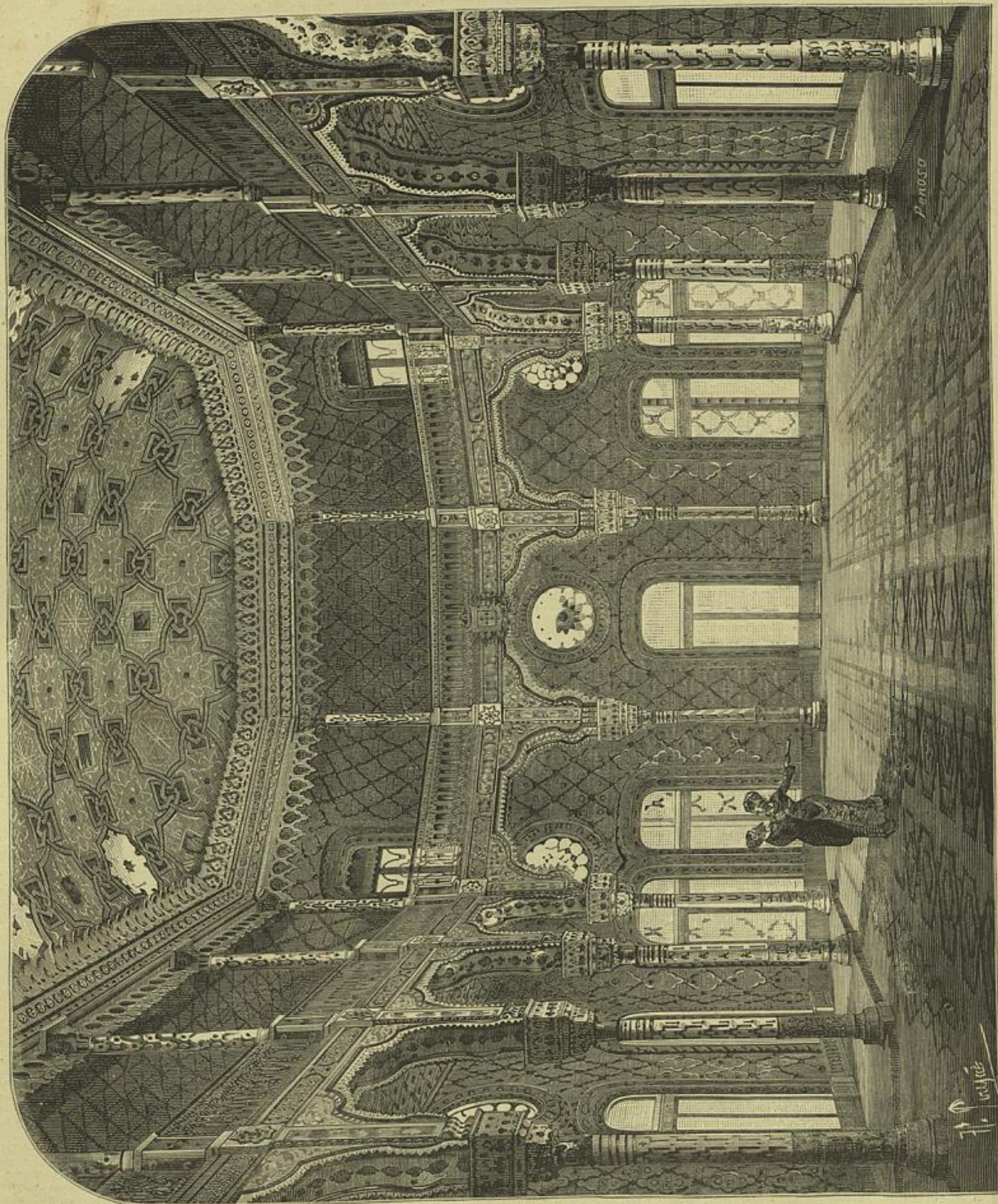
minando o salão por outra forma. Também por indicação do mesmo architecto vão ser substituídos todos os vidros das janellas e dos oculos, por outros coloridos e ornamentados. Tanto estes como os lustres são fabricados na Belgica, segundo os desenhos do sr. Soller.

A mobilia constará de divans cobertos de seda, conforme o estylo arabe.

Termino aqui a descripção do salão, advertindo que se fui um tanto severo na analyse d'essa obra é porque entendo que em questões de arte não ha meios termos

e porque julguei necessario que um dia se dissesse toda a verdade a respeito do merecimento artistico d'essa parte do edificio, que muitos olham como um primor irreprehensivel de architectura.

Se por muitas vezes em plenas reuniões da Associa-



SALÃO NOBRE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO NO PALACIO DA BOLSA — (Desenho do natural por Henrique Pousão)

ção Commercial, se tem posto em duvida e até atacado a utilidade d'essa sala, que apenas serve para ser mostrada aos visitantes, eu o que francamente lastimo é que depois de tão longos annos de trabalho e de tão grossas sommas dispendidas, essa obra tenha imperfeições tão barbaras que façam sorrir o estrangeiro illustrado a quem ellas se deparam.

Porto, 26 de Dezembro de 1880.

MANUEL M. RODRIGUES.

A FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO

DE
MOÇAMBIQUE

Logo depois do descobrimento do caminho das Indias em torno do Cabo da Boa Esperança, no fim do xv seculo, foram os portu-

guezes dilatando as suas assombrosas conquistas pela costa oriental d'Africa e golfo Persico, deixando em Sofala a capitania do seu dominio Africano, sujeita ao poderio quasi realengo do vice-rei das Indias.

A 20 d'abril de 1507 partiu de Lisboa o capitão de Sofala Vasco Gomes d'Abreu que a portou ao seu destino a 8 de setembro.

Mandou logo erguer, como levava ordenado em seu regimento, uma fortaleza em Moçambique, encarregando a obra a Duarte de Mello, que da côrte ia provido nos cargos de alcaide-mór do novo castello, e que concluiu a sua fabrica em fins de março do seguinte anno.

Passando porém para a Índia D. João de Castro em 1545 achou mal situada a fortaleza de Moçambique, e propoz a el-rei a sua mudança. Tres annos depois partiu de Goa para Moçambique o capitão de Sofala Fernão de Sousa de Tavora, levando a planta da nova fortaleza, que, por falta de engenheiro, só dez annos mais tarde se começou, governando já a capitania Sebastião de Sá.

Por motivos que a historia não explica satisfatoriamente foram interrompidas as obras d'aquelle grande monumento, até que D. Nuno da Cunha de Athayde que chegou á capitania em 1595 as mandou adiantar muito, por ordem expressa que teve do vice-rei da Índia, que igualmente mandou fazer reparos na fortaleza de Mombaça. Foi por esse tempo em fins do seculo XVI que começaram a apparecer os holandezes n'aquella costa; e poucos annos depois já no seculo immediato foi Sebastião de Macedo accusado de ter mal bastecida a fortaleza, em tempo que ella se via ameaçada de batavos.

D. Estevão de Athayde partiu de Goa em 1607 com 150 homens e mantimentos para reforçar Moçambique, que logo depois soffreu apertado cerco dos holandezes, e foi corajosamente defendida, posto que ainda não concluída a fortaleza. No anno seguinte houve segundo cerco com identico resultado.

Este mesmo D. Estevão de Athayde foi novamente áquella costa, sendo o segundo que já usou do titulo de *Governador de Moçambique Sofala, Rios de Cuama e Monomotapa*. Accusado porém de concussão foram sequestrados os seus bens, e applicado o seu producto ás obras da fortaleza de Moçambique.

Em 1614 partiu de Lisboa Ruy de Mello de Sampaio com dois galeões, e n'elles 200 soldados e muitas munições para a fortaleza contra a qual se esperava novo ataque de uma poderosa esquadra neerlandeza. Este governador adiantou muito as obras, e deu principio á grande cisterna.

Quatro annos mais tarde foram mandados abonar 40:000 pardaes annuaes para as obras; e em 1620 foi concedida aos jesuitas para seu convento a posse da velha fortaleza, com obrigação de a demolirem, o que elles fizeram bem depressa.

Diogo de Sousa de Menezes foi de Goa em 1624 com ordens apertadas para concluir a fortaleza de Moçambique; cavou o fosso, desentulhou o campo de S. Gabriel, e acabou a grande cisterna em 1626.

Decorridos sete annos veio de Goa D. Philippe Mascarenhas acompanhado de pedreiros e munições para as fortificações de Moçambique, barras de Cuama e Mombaça. N'esse mesmo anno foram tambem de Lisboa petrêchos, artifices e um engenheiro para as ditas obras, por constar que os inglezes mandavam explorar aquella costa.

Durante o governo de Francisco da Silveira, o qual comprara na cidade de Goa, por 30:000 pardaes dois annos de governança de Moçambique, que não chegou a gosar por ter fallecido em 1642, adiantaram-se as obras. D. Manuel de Mascarenhas fez o mesmo e concluiu a casa da polvora.

Em 1669 occorreram desordens nos rios de Cuama, ás quaes accudiu em pessoa no anno seguinte o governador Ignacio Sarmento de Carvalho, deixando a fortaleza de Moçambique mal guarnecida e mal provida. Sabedores d'isto a commetteram os arabes de Mascate com uma forte esquadra; mas Gaspar de Sousa de Lacerda, alcaide-mór d'ella e seu feitor, com pouca gente que consigo tinha, se defendeu heroicamente.

Quasi um seculo mais tarde, em 1752, foi desmembrado do vice-reinado dos estados da Índia, já consideravelmente cerceados, o dominio portuguez na costa oriental d'Africa. Foi

Francisco de Mello e Castro o primeiro investido com o titulo de governador e capitão general de Moçambique, em 4 de maio d'esse anno, com o ordenado annual de 8:000 cruzados ou 3:200\$000 réis.

Foi este governador quem mandou construir as duas baterias baixas por fóra dos baluartes denominados de Nossa Senhora e S. João, que olham sobre o estreito canal da barra do porto, e o primeiro dos quaes é representado pela nossa gravura. Construiu mais a obra exterior que corre da couraça da porta principal, até ao baluarte de S. Gabriel, um paiol para polvora e grandes acréscimentos na residencia dos commandantes da Praça.

Em cumprimento de carta régia de 9 de maio de 1761, o governador e capitão general de Moçambique, João Pereira da Silva Barba erigiu em villa a 19 de janeiro de 1763 a povoação de Moçambique, e posteriormente, no mesmo anno e no seguinte as do Ibo, Quillimane, Tete, Sena, Sofala, Inhambane, Zumbo e Manica.

Francisco Guedes de Carvalho Menezes da Costa no ultimo anno do seculo passado, e Izidro de Almeida de Sousa e Sá no primeiro d'este, repararam na praça de S. Sebastião as ruínas causadas pelos navios francezes, e forneceram-n'a de artilheria nova e munições.

Dezoito annos depois José Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque reedificou os baluartes do sul e de léste, e começou um novo quartel para a tropa fóra da fortaleza por se julgar doentio o que existia dentro.

Logo depois do fallecimento d'este governador é que a villa de Moçambique foi elevada á cathedra de cidade com o nome de S. Sebastião de Moçambique, em virtude da carta régia de 18 de setembro de 1818.

(Continúa.)

AUGUSTO DE CASTILHO.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

MONUMENTO DE THOMAR

(Continuado do n.º 71)

Segue-se depois a época das empresas marítimas sob a iniciativa do infante D. Henrique, governador da Ordem. Aos cavalleiros de Christo cabe ainda a melhor parte na realisação d'esses audaciosos commettimentos em que Portugal chegou a possuir o mais elevado logar entre os paizes da Europa.

Por seu lado nunca tambem houve para os cavalleiros de Christo periodo de tanto esplendor e grandeza como foi o venturoso reinado d'el-rei D. Manuel, governador e administrador da Ordem.

Este foi o apogeo da sua gloria, este o zenith da sua magnificencia.

Proximo lhes estava o declinar e o decahir. Para isso bastava apenas que subisse ao throno D. João III, o beato, o fanatico, — esse que a historia na sua inqualificavel adulação cognominou *Piedoso*, — o instituidor da Inquisição em Portugal.

D. João III, governador da Ordem como fóra seu pae, julgou praticar um acto meritorio sujeitando em 1530 os cavalleiros de Christo á clausura e regularidade monastica com estatutos tirados da regra de S. Bento e de Cister.

De guerreiros conventuaes que eram, transformou-os em religiosos de cogula. O prestigio da antiga Ordem foi-se pouco a pouco sumindo sob as pregas do habito fradesco. Lá ficavam agora inuteis a enferrujar n'um canto as espadas que em suas mãos haviam d'antes scintillado como fiseantes raios de gloria. Restava-lhes d'ora ávante para exercicio da sua actividade o serviço divino e a reclusão claustral.

Emquanto ao grão-mestrado da Ordem, esse ficou d'ahi por deante definitivamente incorporado na corôa.

E se a cruz vermelha de Christo ainda por algum tempo logrou continuar figurando como brilhante symbolo foi unicamente nas condecorações distinctivas e simultaneamente rendosas com que o soberano se comprazia em remunerar seus subditos por serviços prestados.

O agraciado fazia profissão em qualquer igreja das que a Ordem possuía; mas a semelhante profissão não andavam inherentes votos alguns de natureza monastica.

N'essa mesma classe, porém, de cavalleiros professos entrou com o correr do tempo a insinuar-se o abuso e o desprestigio. Nem sempre a cruz de Christo foi ornar os peitos que mais merecedores se haviam tornado de semelhante distinctivo. Já o padre Antonio Vieira em seu tempo se queixava um pouco d'esse inconveniente, quando, com aquelle seu finissimo espirito de malicioso epigramma, ao costume dos antigos que usavam pregar os ladrões nas cruces contrapunha o uso dos modernos que pregavam as cruces nos peitos dos ladrões.

Emquanto aos freires, esses foram durante tres seculos arrastando uma existencia ingloria, para não dizer inutil e ociosa.

E, quando em 1834 se viram comprehendidos na lei que extinguiu as ordens religiosas do nosso paiz, viviam já relaxados da clausura a que D. João III os tinha submettido.

Depois da reforma que em sua regra monastica o principal Castro havia introduzido, assistia-lhes a liberdade de residirem fóra do convento e nem sequer já quasi serviam para cuidar da conservação d'aquelle monumento importantissimo.

Quer dizer: — nem cavalleiros, nem frades! Comunidade heteroclitica, a que o sabio decreto referendado por Joaquim Antonio de Aguiar não fez senão justiça inteira e plena!

D'essa instituição que em seus tempos aureos tão gloriosas paginas deixou assignaladas nos diversos capitulos da nossa historia, restam-nos o monumento de Thomar e... as condecorações.

D'estas nunca ninguém falou com mais verdade nem com mais fino chiste do que o autor da *D. Branca* nos seguintes versos:

Oh! quem vê hoje na pontada casa
De aperaltada, esguia casaquinha,
Brilhar a mesma Cruz, symbolo d'honra,
De patriotismo e gloria, que perdêra
D'aureo collar em peitos d'aço duro,
Peitos que sem pavor por entre selvas
De lanças, de azagaias, se arrojavam;
Quem as vê hoje, a Cruz santa de Christo,
Pendão de gloria que guiou no Oriente
Castro, Albuquerque e Vasco, — a rôxa Espada
De Sanctiago que arvorou as Quinas
Nos castellos do Algarve, — penduradas
Pelas librés da infancia e da injustiça...
Quem, de sua nobre origem cogitando,
Ousará de dizer: «São cavalleiros,
São portuguezes cavalleiros esses?»

Isto escrevia já o Garrett em 1826.

Que diria elle se hoje fosse vivo. — hoje que a cruz de Christo por ahi anda já em tão rebaixado nivel, que até os proprios agraciados tratam de esconder a venera receosos de que alguém lh'a veja pendente da fita encarnada?

(Continúa.)

XAVIER DA CUNHA.

ERNESTO BIESTER

São ephemerias as glorias do theatro, mas não as ha mais brilhantes e entusiasticas. São como a luz do raio, é rapida, passa depressa, mas deslumbra.

Ernesto Biester teve na sua vida litteraria largas horas d'essa gloria inebriante e ruidosa. Dominou por muitos annos no theatro portuguez: as suas peças eram disputadas pelos actores e pelas empresas, e recebidas pelo publico com constantes ovações.

O seu repertorio original é enorme, consta de cerca de noventa actos, e a maior parte das suas peças marcaram no nosso theatro grandes e dinheirosos successos.

Era um *faiseur* theatral habilissimo. Tinha o segredo da ardidura dramatica, o instincto da situação, e os seus dramas podem ser illogicos, falsos, convencionaes, mas como contestura theatral eram sempre primorosos: a critica pôde-lhes apontar muitos defeitos, o publico nunca soube senão dar-lhes constantes e entusiasticas palmas.

Filho de um honrado e rico negociante, muito considerado em Lisboa, Ernesto Biester, que nascera em 1829, teve desde pequeno uma grande paixão — o theatro. Aos 19 annos poz a primeira peça em scena com um exito muito animador. D'ahi em diante não viveu senão para o theatro e no theatro.

Durante muitos annos Biester nunca se tirava dos bastidores, e o seu nome nunca se tirava do cartaz. Ultimamente, ha coisa de dez annos, começou a afastar-se do palco, e principiou a apparecer pelas *soirées*, pelos passeios, pelo Chiado, pela superior de S. Carlos. O seu

ultimo original foi uma peça de combate, os *Sabichões*, um protesto da escola que passava contra a escola nova que invadia o mundo literario. Entretanto Biester não quiz luctar mais contra a evolução ou acompanhá-la, e continuou a entreter a sua paixão do theatro traduzindo as peças mais notáveis da França moderna, e fazendo com as suas traducções quasi todo o repertorio de Santos e de Emilia Adelaide.

A tísica de larynge minava-o já ha muitos annos. A yoz suffocara-se-lhe de ha muito na garganta, e por fim, ao cabo de longo padecer e de uma medonha agonia de tres dias, que elle soffreu com uma resignação extranha, a terrivel doença matou-o no dia 12 do mez findo.

Ernesto Biester era socio correspondente da Academia das Sciencias, foi censor theatral, fundou e dirigiu a *Revista Contemporanea*, onde collahoraram os homens mais notáveis do seu tempo, e ultimamente dirigiu a *Gazeta do Dia*, uma publicação diaria que teve curta vida.

As suas peças mais notáveis foram o *Fidalgo do seculo XIX*, *Fortuna e trabalho*, *A mãe dos pobres*, o *Jogo*, os *Diffamadores*, os *Homens serios*, os *Sabichões*.

As qualidades do homem realçavam em Biester as do escriptor: era delicadissimo, jovial, de grande affabilidade, tinha um bello coração e um caracter honrado: era um bello companheiro, amigo dedicado e inimigo leal.

Julio Cesar Machado, o grande folhetinista, descreveu o primorosamente n'um dos seus deliciosos folhetins no *Diario de Noticias*, d'onde, com a devida venia, transcrevemos os seguintes trechos, que são o retrato moral do homem:

«Olharam-o com inveja os mancebos do tempo. Havia n'elle mais de um titulo destinado a deslumbrar-os. Auctor dramático, moço esbelto, boas relações sociaes, entrada nos palcos scenicos, convivencia com artistas e com a sociedade, um pé nas salas, um pé nos camarins.

«E elegante; porque o era, verdadeiramente; distincção, ar de homem fino, frieza aristocrática, certa expressão de morbidez, que podia ser preocupação, distração, desdem, um *quid* característico.

«Acrescendo a isso o não haver precisado celebrar-se para lograr ser bem relacionado, mercê da vantagem de possuir, de sua familia, estimada em Lisboa e considerada, a notoriedade a que se aspira nos primeiros annos da vida de escriptor ou de artista e que constitue como que a primeira fortuna da mocidade, — ser conhecido de muita gente, apertar a mão ao marquez este, ao conde aquelle, cortejar as senhoras principaes, obter d'ellas um sorriso de estimação especial, na sua qualidade de irmão de amigas intimas, queridas, d'essas pessoas; e, tambem, porque tambem isso é optimo, apontarem-o nas ruas, a classe media, o povo: — «aquelle é o fulano! Lá vae o que fez a peça nova... É elle, é o tal, é aquelle!»

«Indiferente para mil cousas da vida, a educação prevaleceu sempre n'elle, em tudo que dissesse respeito aos usos sociaes, ao ponto de determinar n'algumas de suas acções a segurança, que, de ordinario, só o temperamento dá aos homens. Ninguém, como se lá diz, lhe batia o pé adiante, e a bravura nas occasiões necessarias foi sempre para elle como uma prenda indispensavel de homem do mundo. Assim como fazia a barba pela manhã e calçava luvas ao ir para a rua, castigava, em sendo preciso, publicamente, quem publicamente o houvesse offendido. Pedir-lhe-lia isso, mais ou menos, a sua indole: em todo o caso, porém, a obrigação elegante de denodo exigia-lhe isso; elle ia.

«Cumprir louvar o homem no que mereceu ser louvado: — quando um dia obteve um emprego, poderia ser para receber que esse frequentador de palcos, habituado ás grandes noitadas, a sair dos espectaculos para os *restaurants*, recolher de madrugada, ler ainda um acto ou dois da ultima peça chegada de Paris, adormecer um instante depois de que o leiteiro lhe batesse á porta, — que permite beber leite mungido á hora em que um operario do arsenal, se estiver encatarrado, possa dar-se o *chic* de recorrer ao mesmo expediente, com a differença apenas... de beber, com o leite, a doutrina, de que, ao nascer do sol, haja de estar a trabalhar ou aliás perder o dia — poderia, diziamos, ser para receber que aquelle *dandy* se apresentasse menos airoosamente a cumprir os deveres do seu cargo, e não desse aos empregados seus collegas uma idéa por extremo exacta do que seja a pontualidade em cumprir cada um a sua obrigação...

Mas, é justiça dizel-o, soube accommodar-se com a sua situação sem esforço que parecesse custar-lhe penosamente, tanto mais que por essa occasião já lhe não parecia alegre como de principio, a allumiada casa de hospedes a que se chama popularidade, onde um homem entra pela porta e sae ás vezes pela janella todo arranhado.»

G. L.

DR. JOAQUIM GONÇALVES MAMEDE

Surprehendem a noticia do fallecimento d'este illustre professor, porque nem era velho, nem a maior parte dos seus amigos soubera da sua doença.

De um caracter serio, natural facil e affavel, era, em tempo dos poucos professores da universidade, que os discipulos tratavam como amigo e irmão.

Em 1853, quando a Academia veio a Lisboa por occasião das desordens do entrudo em Coimbra, em toda a parte onde estavam os estudantes apparecia o doutor Mamede, e logo em torno d'elle conversando, tratando com toda a amenidade se reuniam grupos d'aquelles. Era a primeira vez que o sabio e amigo, tinha deixado os seus discipulos, para vir prestar o auxilio das suas luzes á representação nacional.

Mal tinha acabado a lucta da usurpação, e o systema

constitucional fora estabelecido, Joaquim Gonçalves Mamede, na viçosa idade de dezeseis annos viera matricular-se na Universidade de Coimbra em 1834.

Em 18 de maio de 1838 tomou o grau de bacharel em mathematica. Tendo concluido um curso brilhante, recebeu o grau de doutor a 27 de julho de 1840.

Apenas tomara bacharel fora logo nomeado ajudante do observatorio astronomico em 29 de setembro de 1838.

Em 1841 entrou para o quadro docente da Universidade como substituto extraordinario interino da faculdade de mathematica passando successivamente a extraordinario effectivo, e ordinario, foi nomeado lente cathedratice em 6 de agosto de 1851 e de prima em 25 de novembro de 1869.

Durante a sua vida de professor regem com a grande proficiencia que o caracterisava, a cadeira de geodesia e topographia, sendo afinal jubilado em 1875.

Eleito deputado por um dos circulos do Porto em 1853, tomou assento na legislatura d'esse anno, sendo reeleito pelo mesmo circulo até 1858; em 1860 foi eleito pelo circulo de Gondomar, e pelo de Coimbra duas vezes de 1874 a 1878. Representava esta cidade em Cortes quando foi elevado ao pariato.

Na camara popular exerceu nas ultimas legislaturas sempre o logar de presidente com a cordura, sensatez e imparcialidade de que era dotado.

Desempenhou além d'isso varias commissões de serviço patenteando em todas a alta razão, vasta intelligencia e largo saber que o exornavam. Foram as principaes como vogal no conselho de instrução militar, na inspecção aos liceus do reino e ao collegio militar, na conferencia escolar reunida no ministerio do reino em 1869; e ultimamente na Junta do Credito Publico, onde exercia o elevado cargo de presidente com a maior inteireza e rectidão.

Como politico estava filiado desde longos annos no partido regenerador, a cujo serviço pôz sempre lealmente a auctoridade do seu nome, e os recursos da sua alta capacidade.

Falleceu o dr. Mamede em Lisboa a 17 de dezembro ultimo, e era natural do Porto onde nascera a 12 de abril de 1818, sendo filho de José Gonçalves Mamede e de D. Rosa Thereza de Jesus.

J. B.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Antes de passarmos verdadeiramente ao que o congresso resolveu com relação ás questões submettidas ao seu exame, precisamos fazer firmar a attenção da maioria dos leitores, que não tem conhecimentos especiaes, sobre alguns pontos de geologia necessarios para a verdadeira comprehensão d'esta materia.

Já no principio d'este artigo tocámos muito de leve e a correr algumas noções geologicas, que então fóra mal cabido explicar, para não interromper a historia, mais que succinta, dos factos que precisavamos concatenar.

É conveniente, pois, recordar que o estudo da constituição da crusta do globo terrestre, tem feito reconhecer a necessidade de dividir a espessura d'esta em diversos grupos ou camadas, correspondentes a diversos periodos de formação d'ella. Esta divisão é não só aconselhada pela melhor conveniencia da sua descripção, mas determinada pelos diversos caracteres que se dão n'essas camadas.

São cinco os periodos principaes que alguns geologos reconhecem na formação da crusta da terra. E com quanto esta divisão esteja hoje mui proxima de ser abandonada e reduzida a tres periodos principaes, servimo-nos ainda d'ella, porque com relação a ella se tem referido ás discussões anthropologicas.

O primeiro em vis afastado periodo, a que se dá o nome de *primordial* ou *primitivo*, foi aquelle em que diversas causas, actuando sobre a massa informe do globo em rotação, a fizeram consolidar, formando como que a sua primeira pellicula. Esse periodo ou idade deve ter sido longuissimo, e n'elle apenas se tem pretendido reconhecer o começo de vida, hoje mais que problematica. Quando dizemos *longuissimo*, o leitor menos experiente, acostumado talvez ás chronologias conhecidas, não imagina de certo que esse periodo afastado de nós, por outros quatro periodos, volvidos cada um em muitissimos milhares de annos, deve ter tido uma duração incalculavel pelos meios actuaes de analyse.

Segue-se a este o periodo *primario*, em que outras consolidações se foram operando, e a vida se foi desenvolvendo, já em vegetaes, já em differentes formas animaes. Pertencem a este periodo os grandes depositos de carvão de pedra, que dão a conhecer que então uma grande uniformidade de clima reinava em toda a terra.

O periodo immediato a este chama-se *secundario*; então a vegetação adquire outro desenvolvimento, varias alterações do globo mudam as condições climatericas, e a vida toma incremento mais notavel sobre a face da terra.

Vem depois o periodo *terciario*, periodo já distincto por uma maior discriminação de climas, por uma vegetação mais esquisita e delicada, por novas formações de natureza diversa em que dominam outros elementos, e pelo apparecimento de outros animaes de construcção mais perfeita e complicada.

Emfim chegou o periodo *quaternario*, que se continua na epocha actual, cujo principio, muitos milhares de annos anterior ás mais antigas noticias ou tradições da chronologia, nos apresenta já uma nova serie de vegetaes e animaes, nos patentea a divisão completa dos climas, e outras circumstancias, que para o nosso fim não é preciso esmiuçar.

Durante porém todos estes periodos varias erupções promovidas pelas forças internas da terra e outras revoluções geologicas produziram alterações notaveis na crusta do globo, já fazendo surgir o fundo de alguns mares que vieram a constituir parte dos continentes, já produzindo o effecto contrario.

Estes cinco *periodos* ou *idades geologicas*, segundo a estimativa de Haeckel correspondem-se quanto á sua duração ou tempo em que se constituiram, segundo a relação seguinte. Suppondo o periodo *quaternario* representado por 0,5, o *terciario* precisou para se constituir de um tempo 2,3 vezes d'aquelle, o *secundario* de 11,5 vezes d'aquelle, o *primario* de 32,1 vezes do mesmo e o *primordial* ou *primitivo* de 53,6 vezes. Estes numeros indicam approximadamente a espantosa diuturnidade de tempo necessario para a terra chegar ao estado geologico, em que hoje a conhecemos, e a quasi incommensuravel duração da sua existencia.

A espessura das camadas ou *estratos* correspondentes a cada um d'estes periodos é ainda segundo Haeckel a seguinte.

Para o periodo *quaternario* de 200 metros: para o *terciario* de 1 kilometro; para o *secundario* de 5 kilom.; para o *primordial* ou *primitivo* de 23 kilometros: sommando uma espessura total de 43,2 kilom.

Mas como bem sabe o leitor, ainda o menos conhecedor de geologia, a terra acha-se n'umas partes rasgada em fundos valles, por onde fluem veias d'agua mais ou menos volumosas ou refundada em lagos e mares mais ou menos profundos, n'outras encrespada de cabeços, montanhas e serranias, em outras rompida e aguçada em pontas ou picos elevadissimos: n'umas partes a sua superficie apresenta-nos uma materia summamente desagregada, mais ou menos fulva, assaz movediça ao simples bafejo das brisas (arêa); além mais unida e escura, menos facil de mover, onde a vegetação rebenta como que espontanea (terra vegetal); n'outras partes essa massa apresenta-se mais pastosa e com uma certa consistencia, que a torna util a outros usos (argillas); n'outras finalmente mostra-se-nos endurecida e compacta (rochas), já apresentando uma forma laminar (schistos), já uma estrutura granulosa (grés, gneiss, granito) etc. e isto ás vezes em distancias pouco consideraveis umas das outras.

Esta variedade está demonstrando aos menos conhecedores que as camadas ou formações dos diversos periodos indicados, não estão perfeitamente sobrepostas umas ás outras como os envulucros de um bolbo, ou como as diversas camadas lenhosas, que nos mostra o tronco de qualquer arvore cortado transversalmente. Mas se cortassemos a terra em qualquer ponto, como se parte uma laranja, não achariamos n'esse corte representadas todas essas camadas. É porque as causas naturaes que tem actuado e actuam sobre a superficie da terra vão determinando elevações e abaixamentos lentos so perceptíveis no fim de muitos seculos, e porque as revoluções accidentaes e parciais tem feito surgir á sua superficie camadas das partes internas e desapparecer para o interior d'ella, para o fundo dos mares, ou cobrir de productos de outra natureza, parte da antiga superficie.

Logo, a determinação das camadas que formam os diversos periodos geologicos, tem sido fructo do estudo, em diversos pontos do globo, dos caracteres analogos que n'ellas se reconhecem, e forma hoje como que um livro, cujas folhas dispersas, similhantes ás de alguns codices antigos, tem sido decifradas e reunidas pela paciente observação dos geologos.

Como dissemos a existencia do homem tinha sido até ha poucos annos apenas admittida na epocha actual, e só depois dos enunciados de Scherling e da tenaz persistencia de Boucher de Perthes se chegou a reconhecer nas camadas da epocha quaternaria muito afastadas d'aquelle.

Depois d'isso o problema a resolver na sessão do congresso de Lisboa, era o da existencia do homem, ou de um ser intelligente durante o periodo terciario, objecto das questões que já apresentámos.

(Continua)

R.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

III

Haviam decorrido proximamente nove annos. Maria Fernandes d'Abreu nunca tivera noticias de seu filho; julgara-o portanto perdido, morto por essas regiões extranhas onde o seu genio irrequieto e erradio o levava. Mas um dia quando menos o esperava, eis que elle lhe apparece no mesmo traje religioso.

Sua mãe e irmãos quasi o não conheciam. Alegaram-se, como é de suppor, e ouviram da bocca de Francisco contar que era frade, que tinha percorrido a Italia, que tinha muitas relações em todos os pontos d'ella, que o G. ral dos Agostinhos o ordenara por suas proprias mãos, tomando elle então o nome de fr. Francisco de Jesus Christo, que o papa era seu amigo, a ponto de obter d'elle tudo quanto queria, o que tambem succedia com os cardeaes.

Sobretudo, dizia o aventureiro mancebo, que trazia muitas reliquias de santos, obtidas em varios conventos de Italia, e que tinha alguns

mil cruzados de seu, fructo do seu trabalho e esmolas que lhe haviam dado.

Referia a sua mãe que era sua intenção fundar um convento de frades da ordem de Santo Agostinho, para o que já tinha tudo preparado, e que ia apresentar á infanta D. Maria as reliquias que trazia, e offerecer-lhe algumas, para obter d'ella auxilio e protecção.

A infanta D. Maria, princeza muito illustrada, recebeu affavelmente o ermitão, mas, quando elle lhe apresentou as reliquias, não as tomou como genuinas, nem lhe deu grande consideração, pela falta de authenticacão da curia romana.

Desenganado fr. Francisco de Jesus Christo de que não obtinha o que queria em Portugal,

depois de uns dois ou tres mezes de demora aqui, partiu de novo para Italia.

Deixou Maria Fernandes de ter noticias do filho e mais ou menos já se achava conformada com a idéa, de que de alguma d'estas viagens o perderia para sempre e o não tornaria a ver.

Um dia, era por meados de outubro de 1562, começou a espalhar-se em Lisboa a noticia de que eram chegados a Aveiro uns religiosos que fallavam um tanto enxacoco — ou *taliano* como por lá dizem — que traziam muitas reliquias que tinham sido levadas em procissão, e que o povo estava muito contente com este favor que o ceu lhe concedera.

Effectivamente pelos fins de setembro ha-

viam chegado a Aveiro dois frades de Santo Agostinho, moços, mas apparentando muita virtude. Um fallava portuguez, ainda que alguma coisa adulterado, o outro porém era italiano, e começava apenas a arranhar o hespanhol.

Haviam-se albergado em uma estalagem, e pouco depois caiu o portuguez doente de tercans, molestia endemica d'aquella localidade.

O outro começou a celebrar as praticas religiosas que lhe eram permittidas e em breve a Misericordia da, então villa, sabendo que os dois religiosos eram portadores de grande quantidade de reliquias santas, lhe acudiram com o necessario e instaram com elles para que as manifestassem ao publico.



ERNESTO BIESTER — Fallecido em 12 de Dezembro de 1880
(Segundo uma photographia de Filon)



DR. JOAQUIM GONÇALVES MAMEDE — Fallecido em 17 de Dezembro de 1880
(Segundo uma photographia)

Concordaram os dois frades n'isso, mas como o não podiam fazer sem licença do ordinario, resolveram que fosse a Coimbra, a cujo bispado ainda então pertencia aquella terra, o frade italiano, afim de impetrar o beneplacito diocesano. Partiu acompanhado por um homem bom da villa, e apresentando em Coimbra todos os documentos authenticos, breves, bullas do papa, instrumentos publicos competentemente referendados, obteve a necessaria insinuacão das bullas e auctorisação precisa para expor as reliquias ao publico.

De regresso a Aveiro apresentou fr. Basilio, que assim se chamava o italiano, as auctorisações, e logo as auctoridades ecclesiasticas resolveram fazer a devida exposiçã das reliquias.

No dia marcado fr. Basilio acompanhado de alguns religiosos levou para a igreja do Espirito Santo um cofre de tartaruga de fechos e chaves de prata onde aquellas iam encerradas. A hora competente saiu uma magestosa procissão d'aquella igreja acompanhada por todo o clero secular e regular da villa, levando debaixo do palio as reliquias e assim foram até á igreja de S. Miguel, que já não existe e estava situada onde hoje é o largo municipi-

pal, do lado opposto e um pouco mais abaixo da Misericordia. — Ali foram expostas á veneraçã dos fieis em solemne festividade.

Fr. Francisco de Jesus Christo que ainda estava doente, e era o proprietario das reliquias, fez presente á casa da Misericordia da villa de uma particula do santo lenho que se recolheu logo em um crystal e de alguns fragmentos de ossos dos martyres S. Sebastião e S. Braz.

Demoraram-se os dois companheiros mez e meio na villa e quando fr. Francisco se achou restabelecido vieram a Coimbra onde o Vigario os chamára e que lhes ordenou viessem a Lisboa apresentar as reliquias.

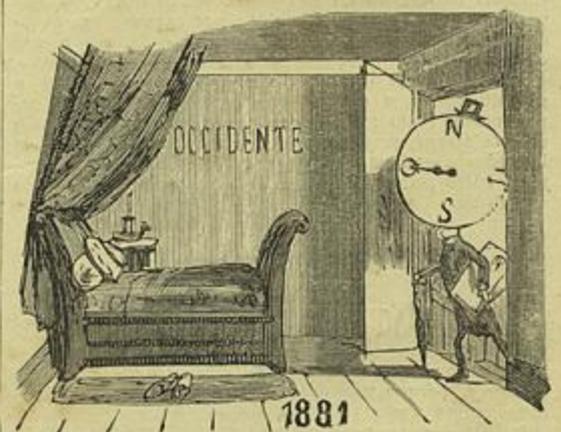
Pouca esmola produziu em Aveiro a exposiçã d'ellas; apenas um cruzado pouco mais ou menos, sendo esta a unica terra de Portugal, onde foram expostas. Antes d'isso só o haviam sido, tambem com licença do ordinario em Freixeneda de Castella, proximo á raia, onde deixára fr. Francisco uma particula do santo lenho e alguns ossos de martyres.

Partidos de Aveiro os dois augustinianos chegaram a Lisboa no principio de dezembro.

(Continua)

JACINTHO PERES.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Mais valle pão com amor que galinha com dôr.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6